

## PROGRAMA GESTÃO DA ALFABETIZAÇÃO: CARACTERIZANDO OS NÍVEIS DE ESCRITA DOS EDUCANDOS DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ZENAIRA BENTES (SEMED/MANAUS)

Danilo Batista de Souza <sup>1</sup>  
Maria Inalva Augusta Silva <sup>2</sup>  
Diana Pinto de Freitas <sup>3</sup>  
Elcilene Picanço Marinho <sup>4</sup>  
Antonia Alves de Souza <sup>5</sup>

### RESUMO

A Escola Municipal Professora Zenaira Bentes Bentes faz parte da Divisão Distrital Zonal Leste II (DDZ Leste II) da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED/Manaus) e assim como todas as escolas da rede municipal que possuem turmas de terceiros anos, fazemos parte do Programa Gestão da Alfabetização (PGA). Neste artigo, por meio da abordagem qualitativa, socializamos os resultados e experiências na aplicação da prova de avaliação do percurso dos alunos do Programa de Gestão da Alfabetização (PGA), aplicada no dia 24 de julho de 2019. Nesse processo, identificamos que em nossas três turmas de terceiros anos, totalizando 96 crianças, possuímos: 17 educandos no nível pré-silábico, 25 no nível silábico, 24 no nível silábico alfabético e 30 no nível alfabético. Os resultados nos permitiram mapear os níveis de escrita dessas turmas e propor intervenções pedagógicas que auxiliem no avanço do processo de escrita desses educandos (CAMARGO, 2014).

**Palavras-chave:** Alfabetização, Níveis de Escrita, Programa Gestão da Alfabetização.

### INTRODUÇÃO

A escola ao que realizamos a nossa pesquisa faz parte da divisão regional de educação da zona leste II, no município de Manaus, estado do Amazonas ao qual surgiu de uma necessidade expressiva na comunidade da cidade do Leste em 2007, onde as crianças que são oriundas dos bairros adjacentes e cidades do interior do Amazonas e Pará faziam parte do turno intermediário das escolas do bairro.

Devido à grande demanda a escola passou a ter também turno intermediário e os resultados não foram bons, a escola participou da primeira amostragem do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), onde nosso IDEB foi 1,9. Os números de alunos em distorções idade série cresceu sendo necessário introduzir o Programa Aceleração da Aprendizagem (PAA). Em 2009, terminou o turno intermediário, O IDEB passou de 1,9

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, danilo\_batista\_14@hotmail.com;

<sup>2</sup> Gestora Escolar na SEMED/Manaus, inalva\_ac@hotmail.com;

<sup>3</sup> Pedagoga e Professora na SEMED/Manaus, diana.gabriel2@hotmail.com;

<sup>4</sup> Professora na SEMED/Manaus, elcipmp@gmail.com;

<sup>5</sup> Professora na SEMED/Manaus, antonia-avess@hotmail.com.

para 3,1, avançando consideravelmente, no entanto, a localização da escola e sua estrutura física não ajudava aos professores nas estratégias elaboradas com o objetivo de melhorar a qualidade de ensino e conseqüentemente os níveis de leitura e escrita.

Em 2011, a secretaria municipal de educação mudou a estrutura física da escola para um prédio com a estrutura física melhor, no entanto, as turmas tiveram que ingressar no calendário especial ocorrendo um índice alto de abandono escolar além de receber a maioria dos professores do Processo Seletivo Simplificado (PSS) sem nenhuma experiência profissional, no entanto, todos comprometidos com a aprendizagem dos alunos. Com isso o índice saiu de 3,1 para 4,0 em 2013.

Em 2014 a SEMED, chamou a todos para responsabilidade de sairmos do 26º lugar no ranque da educação básica. E as escolas foram desafiadas a traçar estratégias impactantes, onde nossos índices da escola, da secretaria fossem superados e superássemos o ranque nacional, oferecendo assim o 14º e ou até o 15º salário, os resultados foram para 4,2.

Em 2015 a problemática maior naquela ocasião era a localização geográfica da escola que não se igualava a realidade residencial dos alunos. Em 2016 fomos para 5,3 e chegamos junto com a secretaria a meta nacional levando o nosso município ao 10º lugar no ranque da educação básica a nível Nacional.

Diante dos resultados satisfatórios e a melhoria da qualidade de ensino constatou-se efetivamente de acordo com dados comprobatórios que as nossas metas da alfabetização não poderiam ser alcançadas se os resultados das series iniciais não fossem consolidados com êxito. Daí grande responsabilidade das escolas que atendem crianças de 1º ao 5º ano, trabalhar com intensidade a oralidade, a escrita e cálculos básicos.

Como na SEMED as series iniciais e dividida administrativamente em bloco pedagógico 1º ao 3º ano e 4º e 5º ano temos como objetivo principal alfabetizar os alunos até o 3º ano. Assim, desde o segundo semestre de 2018 visando trabalhar os alunos do 3º ano com intensidade e atingir a meta 100 por cento de aprovação neste último ano do bloco pedagógico, foi implantado o Programa de Gestão na Alfabetização (PGA) que tem como principal objetivo dar o suporte aos professores e pedagogos afim de que juntos possam encontrar estratégias a serem trabalhadas com os alunos diferentes métodos e maneiras de alfabetizar para que este consiga ultrapassar as barreiras sociais, econômicas e familiar.

Junto com o professor o programa trouxe o estagiário da Pedagogia para dar o suporte ao professor nas aulas e assim o acompanhamento efetivo aos alunos que se encontram no reforço escolar e este possa trabalhar estratégias específicas de acordo com os

níveis de leitura e de escrita eliminando as dificuldades na aprendizagem possibilitando o alcance de nossas metas de alfabetização.

## **METODOLOGIA**

Na intenção de alcançarmos nosso objetivo, neste estudo utilizamos a abordagem qualitativa, com o intuito de identificar os níveis de escrita de educandos do 3º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Zenaira Bentes, assim, utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e documental.

Para coleta de dados utilizamos as questões de número 2, que teve como objetivo a escrita de lista de palavras e a questão 11, com o objetivo da produção de um bilhete (levando em conta o gênero e suas características), ambas são itens da prova de avaliação do percurso dos alunos do Programa de Gestão da Alfabetização (PGA), aplicada no dia 24 de julho de 2019.

No item 2 da prova, os alunos escreveram uma lista de palavras ditadas pelos professores, essas palavras foram: “mortadela”, “geléia”, “queijo”, “suco” e “pão”; essas palavras respeitaram as orientações da Aula-Entrevista (GEEMPA, 2010), instrumento utilizado para caracterização dos níveis de escrita, como por exemplo: a escolha de palavras do mesmo grupo semântico e serem com quantitativo de sílabas diferentes: polissílaba, trissílaba, dissílaba e monossílaba.

Já a questão 2, estava relacionada à produção textual, nesse momento, os alunos escreveram um bilhete, levando em consideração os elementos de organização interna do bilhete, o contexto de sua produção, a coerência do texto, o uso da pontuação, segmentação e ortografia.

A análise formal dos dados foi desenvolvida a partir do que propõe a análise de conteúdo que tem sido muito utilizada em pesquisas do tipo qualitativa (TRIVIÑOS, 1987; MINAYO, 1993; ANDRÉ, 1995; e outros). Essa técnica permite uma análise mais refinada do que foi coletado, capturando o dito e não dito das interações com os documentos.

Segundo Bardin (2011) a análise de conteúdo numa pesquisa qualitativa pressupõe investigar a presença ou ausência de uma característica de conteúdo ou de fragmento de mensagem sobre um determinado tema. Após a análise documental das provas dos alunos do 3º ano da nossa escola, organizamos os dados nas seguintes categorias: 1) Caracterização das Turmas e 2) Níveis de Escrita dos Educandos, nos quais serão apresentados e discutidas a realidade das aprendizagens dos educandos que fazem parte do Programa Gestão da

Alfabetização (PGA) na Escola Municipal Professora Zenaira Bentes Monteiro Pastor (DDZ Leste II/SEMED/Manaus/AM).

## DESENVOLVIMENTO

Inicialmente destacamos que o processo de Alfabetização que orienta este trabalho se apóia nos pressupostos teóricos de Vygotsky que entende a aquisição da linguagem como marco fundamental no desenvolvimento das funções cognitivas humanas e a aquisição da linguagem escrita como processo direcionado para o desenvolvimento não só da habilidade de ler e escrever da criança, mas acima de tudo como uma forma mais complexa de comunicação e interação social. Nesse sentido, a apropriação da linguagem escrita ocorre devido à exposição da criança aos elementos da cultura e à presença do outro como mediador entre a ela e a cultura.

Tal entendimento também se dá quando abordamos a alfabetização e desenvolvimento da aprendizagem da criança com necessidades educacionais especiais. Leontiev, 2003, citando Vygotsky afirma que a criança “com defeito” não é menos desenvolvido, mas sim, é uma criança desenvolvida de outro modo, ou seja, aquele autor ao propor analisar as dificuldades da criança destacava a importância de conhecer e aproveitar as potencialidades da mesma e trabalhar qualitativamente neste foco.

Assim, o falarmos de Alfabetização temos em mente não só garantir o direito da criança a uma educação de qualidade, mas também como processo cujo professor alfabetizador é mediador/potencializador de conhecimentos para seus estudantes, facilitando neles o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a sua realidade.

A alfabetização, portanto, “[...] é o processo de inserção no mundo da linguagem escrita”, compreendida como prática social necessária na vida em sociedade, na medida em que as pessoas fazem uso da escrita para se comunicar. (GONTIJO, 2002).

Entendemos que uma boa prática escolar deve ver a criança como um sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas tanto com adultos como com outras crianças de diferentes idades, nos grupos e contextos culturais nos quais elas se inserem. Conforme alertava Vygotsky, a escrita tem papel fundamental no desenvolvimento cultural da criança sendo necessário ir além dos sinais gráficos:

Ensina-se às crianças a desenhar letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem como tal (VYGOTSKY, 1998).

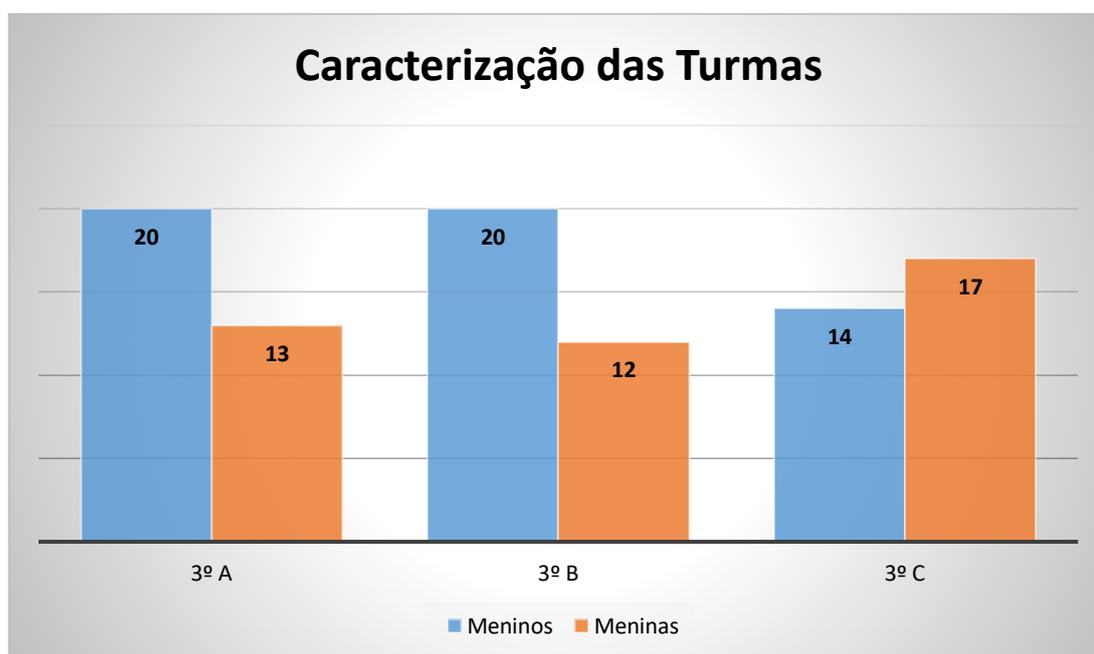
Assim, a criança vai construindo sua identidade através da concepção que ela tem do mundo produzindo cultura tanto pessoal como coletiva. Isso se dá através de suas experiências, amizades, curiosidade, desejos e aprendizagem sobre tudo a sua volta, muitas vezes em seu mundo de faz- de- conta que faz parte da natureza e essência de uma criança. Nesse processo de aquisição da linguagem, são estabelecidas novas relações entre a criança e o meio ambiente, mediada sempre pelo outro, por parceiros mais experientes, como um coleguinha mais velho, o professor ou a professora e os pais que exercem um papel fundamental no aprendizado da criança.

O professor(a) alfabetizador(a) tem excelente oportunidade, no processo educacional, de identificar e conhecer as particularidades da criança, em relação ao seu ritmo ou forma de aprender. Aperfeiçoando, novas formas de conhecimento, para além da alfabetização, mostrando aos alunos os significados e as funções das escritas, registrando as observações de maneira a criar situações de ensino e aprendizagem para as crianças.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

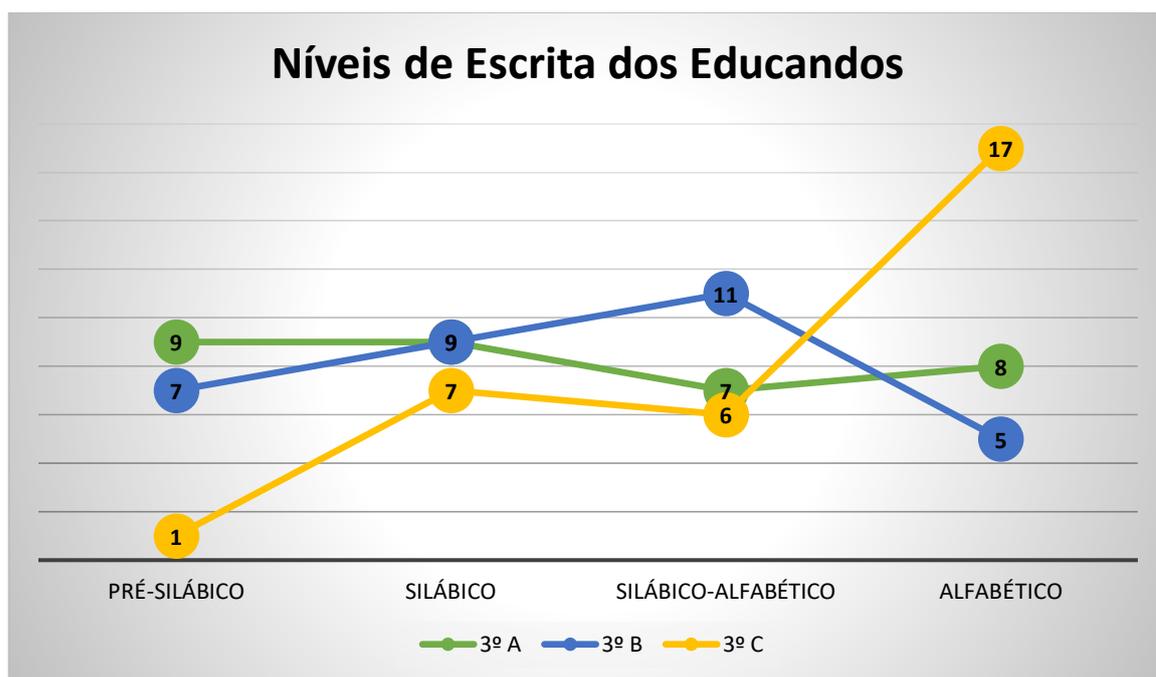
Os resultados obtidos após a aplicação da prova de percurso do Programa de Gestão da Alfabetização (PGA) nos possibilitou identificar os níveis de escrita no qual os educandos dos Terceiros anos da nossa escola se encontram.

O gráfico a seguir nos mostra o quantitativo de crianças atendidas nas três turmas que fazem parte do PGA:



No que se refere caracterização das turmas, identificamos que dos 96 educandos estão no 3º Ano do Ensino Fundamental e fazem parte do Programa Gestão da Alfabetização (PGA), sendo que, as turmas do 3º A e o 3º B estão no turno matutino com 33 e 32 educandos respectivamente e; o 3º C no turno vespertino com 31 educandos.

A partir das descobertas de Emília Ferreiro quanto à psicogênese da escrita onde a criança passa por etapas psicogenéticas apresentando características e hipóteses de pensamento distintas que vão sendo construídas constantemente. Mostrando que a alfabetização é um longo processo e que o aprendiz, observa, estabelece relações, organiza, interioriza conceitos, dúvida deles, reelabora, até chegar ao código alfabético usado pelos adultos (CÓCCO, HAILER, 1996, p. 36). Nesse processo investigativo, apresentamos a seguir o gráfico que representa os níveis de escrita dos alunos dos terceiros anos de nossa escola.



O quantitativo de alunos que estão no nível **Pré-Silábico** representa um total 16 crianças, sendo: 9 educandos no 3º Ano A, 7 no 3º Ano B e 1 no 3º Ano C; nessa fase de desenvolvimento quanto à construção do pensamento em relação à linguagem escrita, a criança ainda não estabelece uma relação entre a linguagem falada e outras e outras formas de representação, acreditando que se escreve com desenhos, registra garatujas, desenho sem figuração e mais tarde desenhos com figuração.

Caracteriza-se por um conflito, pois ainda não consegue entender o organização do sistema linguístico. Geralmente há negação da escrita pois o aluno diz que não sabe escrever. Ainda não vislumbram que a escrita tem a ver com a pronúncia das partes de cada palavra. Usam os mesmos sinais gráficos para escreverem tudo o que desejam, e somente quem escreve pode entender o que está escrito.

As crianças nessa fase acham que o nome das pessoa se das coisas têm relação com seu tamanho. Ainda não separam números de sílabas e as categorias linguísticas - letra,palavra,frase,texto-não são claramente definidas pela criança.

No nível **Silábico**, identificamos 25 educandos, sendo dividido em: 9 educandos no 3º Ano A, 9 no 3º Ano B e 7 no 3º Ano C. Nesse nível, a criança encontra uma nova fórmula para entrar no mundo da escrita, descobrindo que pode escrever uma letra para cada sílaba da palavra e sempre tentará dar um valor sonoro pra cada para cada uma das letras que compõe uma escrita.

A criança sentisse confiante porque descobre que pode escrever com lógica, começa a ver que tudo que se diz se escreve. Faz correspondência entre partes do texto e partes da expressão oral. A leitura e a escrita começam a ser vistas como duas ações com certo tipo de interligação coerente ,mas podem estar num nível na escrita e em outro na leitura.

Conforme Pereira (2018) a escrita silábica se traduz num dos mais importantes esquemas construídos pela criança, caracterizando um grande avanço durante seu desenvolvimento, ou seja, a partir daí se houver um trabalho voltado para o incentivo e atenção da criança para as características sonoras da palavra e sua relação com a escrita através de atividades que envolvam rimas e semelhanças de sons em diferentes partes das palavras e interação com atos de leitura e escrita irão propiciar avanços para o nível posterior.,conta as sílabas e coloca um símbolo para cada pedaço.

Já no nível **Silábico-Alfabético**, nossas turmas de terceiros anos possuem 24 educandos, sendo: 7 educandos no 3º Ano A, 11 no 3º Ano B e 6 no 3º Ano C. Nessa etapa do processo de escrita, a criança descobre a necessidade de fazer uma análise que vá além da sílaba e é mais uma vez um momento conflitante ,ninguém consegue ler o que ela escreve, se vê sem saída. A criança começa a acrescentar letras principalmente na primeira sílaba, está a um passo da escrita alfabética.

E no último nível do processo de escrita, que é o nível **Alfabético**, temos ao longo das três turmas, 25 educandos, sendo: 8 educandos no 3º Ano A, 5 no 3º Ano B e 17 no 3º Ano C. Percebemos nessa etapa que a criança constitui o final da evolução construtiva do

aprendizado da leitura e da escrita, o qual é marcado pela reelaboração pessoal do aluno e da reflexão lógica.

A criança começa a se insatisfazer com os problemas encontrados e prossegue na busca da solução desses problemas que conforme Moreira (2015, p. 11) onde “só será alcançada por intermédio da fonetização da sílaba”, ou seja, quando reconhece o som da letra. Porém essa fonetização da sílaba acontece paulatinamente. O aluno escreve alfabeticamente algumas sílabas, enquanto outros escrevem na hipótese silábica embora estejam no nível silábico alfabético.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as escolas têm grandes desafios para com os seus educandos desenvolver uma aprendizagem significativa em seu cotidiano escolar. As instituições escolares são os principais agentes transformador pelo desenvolvimento da relação dos educandos na sociedade onde vive.

Para que haja bom desenvolvimento na construção do conhecimento que segundo relata Piaget, “a aprendizagem é um processo de desenvolvimento intelectual, que se dá por meio das estruturas de pensamento e está estritamente relacionada à ação do sujeito sobre o meio”. Quando os estudantes e os docentes percebem o baixo nível de participação e envolvimento dos educandos, isso que interferirá diretamente no desempenho escolar. Que segundo, o que relata a pesquisadora Emília Ferreiro, psicóloga argentina, dedicou vários anos de estudos sobre a teoria de Piaget, buscando entender como o sujeito aprende. Aquele que aprende de modo ativo e criativo, se utilizava destes mesmos recursos na construção do conhecimento da escrita. Perpassando por fases a construção da escrita, segundo Ferreiro (1986, p.182), na fase pré-silábica, a criança ainda não consegue decifrar entre letras e números, não tem a compreensão com os sons das letras. Nesta fase concentra-se em rabiscos. Na fase silábica, o aluno começa a diferenciar que as para formar as palavras é necessário de várias letras mais ainda não tem o entendimento da escrita correta.

Salientamos que aprender a ler e a escrever, significa assimilar não só a estrutura fônica ou gráfica das palavras, mas sim um sistema de instrumentos criados pela sociedade ao longo de sua história e que estão em permanente transformação. Tal sistema muda não só o nível de desenvolvimento cultural da humanidade, mas a internalização desses signos provoca mudanças no próprio homem possibilitando assim sua interação com diversas informações sociais.

Ao considerar que a aprendizagem sempre é mediada pelo outro, o que significa dizer que inclui relações entre pessoas, entendemos que não há um desenvolvimento pré-estabelecido dentro de nós. Assim, pensar na leitura e escrita da criança já é inseri-la no processo alfabetizador. Acreditamos que o desenvolvimento da linguagem falada e escrita deve ser o principal objetivo do professor alfabetizador, que será o mediador do processo possibilitando que a criança ao entrar em contato com essa linguagem, possa constituir sentidos e significados na livre e consciente interação com o mundo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições, 2011.
- CAMARGO, Raiolanda Magalhães Pereira de. **Níveis de Conceitualização de Leitura e de Escrita e Intervenções Didáticas**, 2012. Mimeo.
- CÓCCO, M. F.; HAILER, M. A. **Didática de alfabetização: decifrar o mundo: alfabetização e socioconstrutivismo**. São Paulo: FTD, 1996.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. Disponível em: [www.educadores.diaadia.pr.gov.br/.../File/.../aprocessos\\_alfab\\_ferreiro.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/.../File/.../aprocessos_alfab_ferreiro.pdf). Acesso em: Ago, 2019.
- GEEMPA. **Aula-Entrevista: caracterização do processo rumo à leitura e à escrita**. Porto Alegre: GEEMPA, 2010.
- GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **O Processo de Alfabetização: Novas Contribuições**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MOREIRA, Geraldo Eustáquio. **O processo de alfabetização e as contribuições de Emília Ferreiro**. Itinerarius Reflectionis (Online), v. 10, p. 1-17, 2015.
- PEREIRA, Clarissa. **Psicogênese da língua escrita: hipóteses pré-silábica, silábica, silábica-alfabética, alfabética**. 2018. Disponível em: <<https://www.clarissapereira.com.br/psicogenese-da-lingua-escrita-hipoteses-pre-silabica-silabica-silabica-alfabetica-alfabetica/>> . Acesso em: 11/08/2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.